

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO
ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

TERRA SECA, HOMEM SECO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para a obtenção
do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Nilsa Andrea dos Santos

92.09
5586x
Ex 1
C92569574

PONTES E LACERDA, FEVEREIRO DE 2003

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
Revista	9502
Data	14, 08, 03

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO
ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

TERRA SECA, HOMEM SECO

EDNA BERNARDO DA SILVA

PONTES E LACERDA, FEVEREIRO DE 2003

EDNA BERNARDO DA SILVA
ACADÊMICA

PROFª NILSA ANDREA DOS SANTOS
ORIENTADORA

PROFª MS. MADALENA APARECIDA MACHADO
COORDENADORA

Dedico este trabalho à minha filha Larissa Mariana, que mesmo sem compreender as letras conviveu com minha ausência durante estes quatro anos;

À minha mãe que cuidou de minha filha e soube, aconselhar e me animar nos momentos mais difíceis.

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou a todos os momentos dessa jornada; A todos os meus familiares, que torceram pelo meu êxito; Aos meus amigos, em especial a Sandra Miquilino, Agnaldo e Luíza e a família Cebalho, que me acolheram em suas casas e souberam compreender e me ajudar durante estes últimos anos. Aos meus colegas de sala, que muito contribuíram para meu crescimento intelectual e pessoal; À minha orientadora prof^a Nilsa Andréa dos Santos pela dedicação profissional, e compreensão.

*Quando o sol doer nas coisas da terra e no
céu azul e os homens forem em busca dos
verdes mares do sul.*

*Só eu ficarei aqui para morrer por
completo para dar a carne à terra e ao sol
meu branco esqueleto.*

Carlos Pena Filho.

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO	05
II. MODERNISMO – RUPTURA E TRANSFORMAÇÃO.....	07
III. O HOMEM DO SERTÃO SOBRE UM OLHAR EXTERNO.....	14
IV. TERRA SECA, HOMEM SECO.....	18
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo conhecer um pouco mais sobre o personagem Fabiano da obra “Vidas Secas” de autoria de Graciliano Ramos. A riqueza da obra, causou-me intimidação na escolha de um aspecto para ser trabalhado. A maneira com que o narrador descreve as situações é de uma arte excepcional, o leitor é colocado como testemunha ocular das vidas que vivem o sertão do Nordeste. Especificamente buscarei entender o porque que Fabiano nutre tão grande desesperança e não acredita em mudanças.

Para a construção da análise sobre Fabiano, a pergunta foi: Será que ele era assim por gosto próprio, ou algo o influenciaria a ser assim? Na busca desta resposta deparei-me com a Teoria Determinista, em particular com a de Hippolyto Adolfe Taine, que postula que os fatores externos do ambiente como influenciadores do comportamento dos seres e plantas que nele vivem. Taine busca nos fatores raça, meio e momento, as respostas para todos os fenômenos ocorridos com os homens e com a natureza.

Analisar um objeto alicerçado nesta teoria implica em vê-lo sobre a ótica da ciência. Isto é, Fabiano é visualizado a partir da observação de dados concretos como: sua descendência e seu contexto histórico e situacional. Com base nesta abordagem é que apresentarei fatos externos que demarcam a construção interna do personagem.

Este trabalho está dividido em três temas, o primeiro trata-se da fundamentação histórica-filosófica que envolve o momento literário em que foi produzido a obra. O segundo trata-se da Teoria estudada para a elaboração deste trabalho, bem como uma abordagem de diferentes autores que estudaram esta teoria, a terceira e última parte tem como conteúdo a análise do personagem Fabiano e a relação que os fatores externos determinam o comportamento interno na obra “Vidas Secas”.

É importante atentar ao leitor a importância de cada parte deste trabalho, no primeiro capítulo “Modernismo – rupturas e transformações”, trata-se de uma abordagem do movimento do Modernismo, no qual está situado a obra em estudo, neste capítulo o leitor ficará a par das mudanças que ocorreram no campo da cultura e especificamente no campo da Arte e da Literatura. Ressalto ainda neste capítulo que “Vidas Secas” situa-se numa fase muito conturbada de nossa história. Que ocorreu na segunda década do Modernismo.

No segundo capítulo, “O Homem do Sertão sobre um olhar externo”, mostrarei conceitos básicos da Teoria Determinista de Taine, bem como a relevância da teoria no estudo do homem e da Literatura.

No terceiro e último capítulo “Terra seca, Homem seco” aplicarei a teoria no estudo do personagem Fabiano a partir de dados levantados na obra, que é o material que norteia esta discussão teórica. Este estudo dará ao leitor uma idéia de como ocorre a influência dos fatores externos no personagem objeto deste estudo.

Ao longo deste trabalho você deparará com situações simples, coisas de nosso cotidiano, mas que nos fazem participantes desta história e que podem nos inquietar para os problemas vividos por muitas pessoas no Brasil, especificamente os que vivem os problemas ocasionados pela seca e fome no sertão nordestino.

MODERNISMO – RUPTURA E TRANSFORMAÇÃO

Desde o período mais remoto, a Literatura tem feito parte da vida do homem. Esta por sua vez passou por muitas fases, nas quais ocorreram muitas transformações. Desde Aristóteles até hoje, foram muitos os períodos em que ela viveu, dentre os fatores que colaboraram e influenciaram estas mudanças estão: o contexto econômico, o político e o filosófico vivido pela sociedade em todos os tempos.

Com o intuito de estudar o personagem “Fabiano”, protagonista da obra “Vidas Secas”, de autoria de Graciliano Ramos é que destacarei um período em especial, o “Modernismo”, e é através deste período de vida e de arte que buscarei dar ênfase, a fim de observar características existentes numa época, na qual buscaremos pistas que evidenciam o momento em que se deu o seu processo de criação. “A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição”,(TODIÉ:1992, p. 163). Por se tratar de uma obra que relata o drama do homem nordestino para sobreviver ao fenômeno da seca, é que buscarei fazer um retrato histórico do período em que se deu a sua construção.

A Literatura como arte feita pelo homem é um produto social, que historicamente transformou-se de acordo com seu tempo, é claro que cada período tem suas particularidades, por isso farei aqui um breve histórico do que foi o Modernismo no Brasil e como ocorrem essas transformações na área da cultura nacional.

A Literatura no Brasil no início do século XX, ainda era uma Literatura importada da Europa, a maioria dos escritores da época estudavam fora do país ou viajavam periodicamente para lá em busca de modelos literários consagrados pelos europeus.

Considerado o período de maior transformação e renovação na Literatura do Brasil, o Modernismo teve como data que marca o seu início o ano de 1922, durante o evento da “Semana da Arte Moderna”.

“A historiografia literária brasileira convencionou a realização das manifestações da Semana da Arte Moderna como o início de uma nova etapa em nosso desenvolvimento literário, a do Movimento Modernista, ou Modernismo”,(SODRÉ,1995, p. 525)

O Modernismo foi um movimento longo, que passou por três décadas e foi dividido em três fases: a primeira fase, também conhecida como fase heróica (1922-1930) teve início com a “Semana da Arte Moderna”, a segunda fase foi um período de maturação (1930-1945), com grande destaque para as obras regionalistas, esta fase foi uma das mais importantes, em que os escritores buscaram fazer denúncias da realidade, dos acontecimentos do país, a terceira fase e última, também conhecida como Pós-modernismo (1945-?) foi um período de intensa produção literária e grandes conturbações no contexto sócio econômico e político de nosso país, foi durante este período que surgiram: os contos, as crônicas e os teatros modernos.

Mesmo com data que marca o seu início em 1922, o Modernismo teve suas primeiras manifestações a partir de 1900, o período que antecede o Modernismo, foi de grande importância, pois criou as bases que o estruturaram posteriormente. O chamado Pré-modernismo muito colaborou para a eclosão do Modernismo, período em que ocorreu uma reinterpretação social do atraso e da miséria em que vivia a sociedade brasileira. Segundo a história, vários eventos aconteceram entre os anos de 1900 e 1922, os artistas e os escritores buscavam uma renovação, uma transformação uma ruptura com o tradicional.

Com o advento da Revolução Industrial, ocorrido no século XIX o avanço tecnológico e científico havia se alastrado pelo mundo inteiro e no Brasil também.

“A segunda metade do século XIX assinala mudanças importantes no quadro brasileiro. Alguns provêm do agravamento de condições antigas. Outras surgem de fatores novos que vêm quebrar o ritmo nacional de desenvolvimento econômico e encontram reflexo no ambiente social e político do tempo. Influências externas começam a avultar e são facilmente receptíveis na vida brasileira, particularmente na vida urbana. A uniformidade decorrente da clausura começa a fragmentar-se, pouco a pouco, com a liberdade comercial. Interesses novos, personagens novos, idéias novas, eram admitidas no nosso meio, antes vedado”, (SODRÉ, 1995, p. 340)

Com o surgimento da indústria, o povo do campo migrou para as cidades em busca de melhorias, daí decorreu uma mudança total no modo de vida das pessoas, surgiu a classe “operária” que muito contribuiu para o crescimento do capitalismo e da burguesia. “A urbanização, estreitamente ligada à industrialização sempre, provocaria o crescimento da pequena burguesia e o aparecimento da classe operária”, (SODRÉ, 1995, p. 524).

Com o evento da industrialização no início do século XX, o capitalismo que reinava em absoluto, passou a sofrer uma grande crise, o que contribuiu para o surgimento da Primeira Guerra Mundial, que teve início em 1914 e findou em 1918. O conflito de guerra e crise financeira somente deram mais ânimo e vontade para os artistas e escritores buscarem novas experiências, eles ansiavam uma nova maneira de interpretar e expressar a realidade.

“São as condições objetivas que criam os estímulos em que o inconformismo se acentua e reponta na obra de ensaístas e ficcionistas, para surgir, depois, no nível estético. Trata-se, no fundo, de uma etapa da revolução burguesa no Brasil, processo complexo, difícil, tortuoso, que funde o externo com o interno.” (SODRÉ, 1995, p. 533).

A busca por mudanças foi sem dúvida influenciada pelo contexto mundial, o Brasil estava acordando para uma realidade nova, nos campos financeiro, social e cultural. As mudanças ocorridas na Europa passavam a ter modelos menos rígidos. Estava ocorrendo também as Vanguardas Europeias, que muito contribuíram para a promoção da arte em todas as suas modalidades: literatura, pintura, música e outros. Dentre os movimentos de vanguardas estão: o Futurismo, o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo. De todas estas vanguardas, a que mais contribuiu para o Modernismo no Brasil foi o Surrealismo, que pregava o apego a fantasia, ao sonho, ao impulso e a loucura, de forma que o artista registrava tudo que lhe vinha à mente, sem preocupação com a lógica. Estes são traços marcantes que encontramos nas obras de destaque no primeiro período do Modernismo.

Ainda antes da Semana da Arte Moderna, surgiram inúmeros autores descontentes com o tradicionalismo acadêmico praticados na época, a busca de uma nova estética contribuiu para uma literatura autêntica, com traços verdadeiramente brasileiros, porque até então a mesma estava presa à Europa e seus modelos canônicos. Na literatura em especial os escritores passaram a produzir obras diferentes, com liberdade de escolha do assunto tanto na forma quanto no estilo. Entre os principais representantes dessas tendências renovadoras estão: **Euclides da Cunha**, que em 1902 escreve “Os Sertões”, **Lima Barreto** que em 1909 escreve a sátira “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” e em 1915 publica a obra “O triste fim de Policarpo Quaresma”, **Monteiro Lobato** que em 1918 publica “Urupês”. Ao lado destes ocorrem muitos outros fatos que fizeram parte do pré-modernismo, entre estes estão: 1919 **Paul Fort** publica o “Manifesto Futurista”; 1912 **Oswald de Andrade**, volta a Europa com o

propósito de formar uma geração futurista no Brasil; 1914 início da Primeira Guerra Mundial e a primeira exposição da pintora **Anita Malfatti** que tinha influências Cubistas e Expressionistas; 1915 fundação da Revista “Orfeu” em Portugal; 1916 fundação da “Revista do Brasil”, que tinha como princípio básico o “Nacionalismo”; 1917 publicação de livros de poemas Modernos, entre eles o de **Mário de Andrade** “Há uma gota de sangue em cada poema” e **Manoel Bandeira** “A cinza das horas” entre outros; ainda em 1917 Anita Malfatti faz sua mais famosa exposição, da qual Monteiro Lobato faz uma crítica intitulada “Paranóia ou Mistificação”; 1918 fim da primeira Guerra Mundial; 1921 artistas, escritores e jornalistas modernos reuniram-se e surgiu uma idéia comum, mostrar aos brasileiros o Modernismo que já existia desde o início do século, acontece então a “Semana da Arte Moderna”, com o objetivo principal de por a sociedade a par das Vanguardas Européias, e resgatar e mostrar os valores nacionais.

A Semana da Arte Moderna foi o marco desta fase tão agitada, tanto nas artes como na política, a partir de 1922, o contexto histórico e social foi marcado pelos seguintes fatos: Fundação do partido comunista brasileiro, em março deste mesmo ano Artur Bernardes foi eleito presidente do Brasil, representante das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, a chamada política do Café-com-leite, Artur Bernardes havia derrotado Nilo Peçanha, representante de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em julho de 1922 o governo de Artur Bernardes viveu seu primeiro estado de sítio e conseqüentemente ocorreu a Revolta do Forte de Copacabana, além destas conturbações o governo de Bernardes é marcado pela censura da imprensa e pelas intervenções nos estados. Não era mais possível as artes se calarem, a censura dava mais alimento e ânimo a revolução. Deste modo, o Modernismo era um movimento que tinha reações contra o passado, a tradição e o conformismo estético. É neste sentido que Lima afirma que: “O Modernismo, na sua fase inicial, iria ser acima de tudo um movimento do contra”, (LIMA, IN: SODRÉ, 1995, p. 526), ainda sobre isto Sodré relata o seguinte: “O Modernismo se apresenta, com sua face demolidora, volta-se contra o formalismo superficial, disfarce da indigência de conteúdo”. (SODRÉ, 1995, p. 527). Na busca do novo, o Modernismo se consolida e é um movimento diversificado. “O Modernismo, em sua complexidade, heterogeneidade e história representa uma fase muito importante do nosso desenvolvimento literário”, (SODRÉ, 1995, p. 528).

Com as mudanças ocorridas, a linguagem literária ganhou um tom coloquial, assim podemos encontrar reproduções de dialetos de diversas regiões nas obras

produzidas nesta época, agora tínhamos então, a verdadeira literatura brasileira, a autêntica. Ela ganhou a marca de seu povo, com fatos da vida real, do cotidiano, era o divórcio com o tradicional, isto só foi possível depois de muitos acontecimentos no meio cultural e principalmente depois da consolidação do Modernismo, que ocorreu com a Semana da Arte Moderna.

“O Modernismo firmou suas posições, criou uma linguagem nova e, entre contradições que estavam fixadas em sua heterogeneidade, gerou algumas figuras e algumas obras que ficariam incorporadas definitivamente ao nosso patrimônio cultural”,(SODRÉ, 1995, p. 541).

O Modernismo além de ser um movimento rico em diversidade, foi também o período em que a literatura deixou de ser feita pela elite para a elite, com a ascensão da burguesia a literatura passa a ser consumida pelo povo.

Após ter decorrido a Semana da Arte Moderna, a arte e a literatura contou com os movimentos “Nativistas”, também conhecidos como movimentos pós-semana de 22, o primeiro foi o movimento “Pau-Brasil” (1924), liderado por Oswald de Andrade tinha a finalidade de propor uma literatura fundada nas características naturais do povo brasileiro. O segundo movimento foi o “Verde e Amarelo” (1925) mais tarde chamado “Grupo da Anta”, este era contra a posição primitivista do primeiro, era um movimento conservador. O terceiro e último movimento foi o chamado “Antropofágico” (1928), este movimento desenvolvia as idéias lançadas pelo primeiro movimento e se opunha ao do segundo movimento, propunha a destruição ou devoração dos valores estrangeiros.

No período de 1922-1930 do Modernismo as produções foram predominantes na poesia, em relação a prosa da época, não se parece nada com a tradicional, ela é um resultado das influências cubo-futuristas, e foi chamada de prosa “Telegráfica”. Durante o primeiro período, o Brasil conheceu as tendências renovadoras, entre os poetas e escritores que se destacaram na época estão, na poesia Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Guilherme Almeida e outros. Na prosa o principal destaque foi Alcântara Machado.

Na década de 1922, as mudanças no contexto sócio-econômico do mundo foram diversas, e em 1929 aconteceu a quebra da Bolsa de Nova York, com a quebra da economia norte-americana, ocorreu no mundo inteiro uma crise de desemprego e falências, o que colaborou para o início de grandes greves no setor das indústrias. Com o agravamento da crise os partidos comunistas e socialistas ganharam avanço. A

burguesia que se opunha à estes partidos, desejava um estado autoritário, ocorreu então as gestões fascistas, pautadas no militarismo conservador. A ditadura, a censura, o militarismo, a política armamentista alastra-se pelo mundo.

No Brasil, a crise econômica mundial refletiu nos acontecimentos econômicas e políticos e em 1930 ocorreu o fim das oligarquias ligadas ao café, em março do mesmo ano aconteceu a eleição presidencial, de um lado o representante dos senhores do café Julio Prestes, e do outro o representante dos industriais Getúlio Vargas. Julio Prestes foi eleito pelo povo e deveria tomar posse em novembro, em outubro com o apoio da burguesia industrial estourava a Revolução de 30, que colocou Getúlio Vargas no poder. Após subir no poder Getulio Vargas, passou por inúmeros problemas, entre eles estão a Revolução Constitucionalista no ano de 1932. Em 1934, surge a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que tinha reações contra os acontecimentos no poder, em 1937 o governo que a cada dia era mais autoritário manda fechar a ANL. Desta maneira em meio a tantos conflitos ainda no ano de 1937 Getúlio Vargas iniciou sua ditadura, foi instalado então o chamado Estado Novo. Neste contexto turbulento o Modernismo foi escrito de forma a retratar a realidade cruel e caótica do povo brasileiro.

“Com a implantação de um regime, o chamado Estado Novo, que procura acompanhar a ascensão fascista que se apresenta no quadro internacional. Não interessa aqui a análise dos motivos e características dessa fase de limitação da liberdade, sendo suficiente mencionar que ela se definiu, entre outros traços, por um obscurismo vesânico, com repressão violenta às manifestações culturais, censurada a imprensa e vasculhadas as bibliotecas, em expurgos típicos do fascismo”, (SODRÉ, 1995, p. 561).

Mesmo com a repressão, era possível notar a consolidação de uma nova fase, a que buscava a estabilização das novas conquistas no campo das artes. Com maior predomínio da prosa, os escritores ganharam um estilo neo-realista, a denúncia social tornou-se alvo de todos eles, a prosa dividiu-se em três momentos: a intimista, a urbana e a regionalista.

A prosa intimista ou sondagem psicológica era elaborada a partir da teoria psicanalítica de Freud, com toques de denúncia social e a busca da relação entre o “eu” e o mundo, seus principais representantes são: Dionélcio Machado, Lúcio Cardoso e Graciliano Ramos. A prosa urbana era voltada a vida urbana, também revelavam as desigualdades, mostrando contraste da vida na cidade e a complexa estrutura social, entre as obras de destaques estão algumas obras de Érico Veríssimo. Na prosa

regionalista, o maior destaque é o Romance Nordestino, que são verdadeiros documentários que retratam a seca, seus flagelos, e a exploração da população humilde.

É neste momento da história que encontra-se a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, também com ele outros autores estavam comprometidos com a temática da seca, entre eles estão: Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado. A preocupação desses autores é a vida do homem nordestino, e Graciliano Ramos em especial muito contribuiu com sua obra que mostra a vida precária vivida pelo povo, as condições sub-humanas em que se obrigavam a viver, os maltratos ocasionados pelas condições geográficas, a submissão dos trabalhadores aos proprietários e a falta de instrução. Na prosa regionalista refletiu muito as preocupações sociais e políticas que agitavam o Brasil, neste momento, a Literatura Brasileira ganhou sua verdadeira autenticidade, de modo que retrata os problemas vividos aqui, uma realidade nua e crua.

“O romance Nordestino está plenamente lançado e ampliou a sua área temática, dentro dos limites regionais [...] Esse tipo de ficção, às vezes simples, às vezes simplista, sem complexidade, meramente descritiva, procedendo de um levantamento informativo e a um apanhado fotográfico, vai ascendendo, sem dúvida, e esse esforço da parte dos escritores encontra ressonância no público. A ficção brasileira da segunda fase do Modernismo cria o público brasileiro, realmente”, (SODRÉ, 1995, p. 551).

A última fase do Modernismo, também conhecida como Pós Modernismo foi marcada pela rejeição dos moldes adotados pela geração de 1922, na poesia surge o concretismo que prega a exploração do espaço em branco e a montagem das palavras, a poesia deveria seguir o modelo formal do parnasiano, que é um retorno ao passado, assim instaura novamente a antiga luta entre o velho e o novo. Ainda diante deste conflito, a poesia não deixa de buscar os assuntos ligados à realidade social. Na prosa, os escritores buscavam a exploração do campo psicológico, a rapidez da modernidade deixava o homem cada vez mais marginalizado e vítima do progresso.

O HOMEM DO SERTÃO SOBRE UM OLHAR EXTERNO

A proposta de discussão teórica sobre a construção do personagem “Fabiano” da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, está inscrita em dispositivos teóricos da corrente filosófica positivista, especificamente no Determinismo postulado por Hippolyto Adolfe Taine que criou a famosa tríade: raça, meio e momento. Esta teoria nos fornecerá elementos para a apreensão do fenômeno interno na estrutura do texto literário chamado personagem.

As máximas da teoria Determinista foram aplicadas na literatura, dessa forma foi possível relacionar o personagem às suas condições sociais, geográficas e históricas, bem como toda e qualquer temática da produção literária ligada a esses fatores, pois esta corrente coloca o homem em relação estreita com o meio.

Filiada ao Positivismo de Auguste Comte, a teoria Determinista teve como característica principal, trabalhar a literatura, na mesma dimensão da ciência. Pires fala sobre a contribuição positivista da teoria de Taine: “Trouxe para a crítica literária um embasamento mais sólido do que o simples impressionismo individualista. Fundamenta-se em dados objetivos, abrindo-lhes assim, uma orientação científica, embora esses dados fossem de natureza extrínseca à literatura”, (PIRES, 1995, p.26).

Nesse sentido a crítica Determinista visualiza o objeto literário e os de outras ciências como fenômenos naturais, isto é, que podem ser explicados puramente por duas leis: Leis Sociológicas e Leis Biológicas. A Sociológica compreende o determinismo do “meio” (geografia) e o determinismo do “momento” (histórico). Já a Biológica compreende o determinismo da “raça”, que está ligado aos temperamentos e seus caracteres.

Na criação artística pensar em raça implica pensar nas leis Biológicas que é a explicação do homem através da hereditariedade. É neste sentido que a gênese do indivíduo carrega as características singulares de um ser vivo, seja ele animal ou vegetal. No animal suas características são perpetuadas através da herança sangüínea, passando de geração em geração.

“Um povo é como uma planta. A mesma seiva sob a mesma temperatura e no mesmo solo produz, nos diversos graus de sua elaboração sucessiva, formações diferentes – brotos, flores, frutos, sementes – de tal modo que a

seguinte tem sempre como condição a precedente, de cuja morte nasceu". (PIRES: 1995, p. 25).

Na citação acima Pires (1995) afirma que de acordo com o Determinismo de Taine o fator "raça" nas plantas é igual no povo, os mesmos são influenciados pela temperatura e o solo que estão ligados aos fatores "externos" durante a sua formação, o sujeito projeta-se no cenário do qual não consegue escapar, confunde-se com ele por não rejeitá-lo, mas por achá-lo natural. Assim também o personagem sofre estas influências, que é uma representação do real. Isto é, o personagem é a criação ficcional e verossímil do que é o homem em seu estado de existência. "A obra-de-arte é determinada pelo" meio "que só admite as que lhe são conforme, eliminando as demais espécies, por uma série de obstáculos interpostos e de ataques renovados a cada fase do desenvolvimento delas", (PIRES, 1995, p.25).

Ainda abordando as Leis Sociológicas, o "momento" entendido como elemento temporal é o que influencia a criação, que resulta da interdependência do presente e do passado, e vice e versa. Ao atentarmos para este componente para entender a obra de arte "[...] é necessário que se tenha em mente, com exatidão, o estado geral de espírito e os costumes do tempo a que pertenceram. É uma explicação última, a causa primitiva que tudo determina", (PIRES, 1995, p. 25)

Este conjunto composto pela tríade de Taine: raça, meio e momento, são elementos essenciais para a compreensão da criação artística, pois em qualquer sociedade eles estão presentes de maneira indiscutível. É neste sentido que Samuel, afirma que:

"Toda raça vive num determinado meio natural e socio-político. Este age sobre a raça deformando-a ou completando-a. o mento faz intervir a evolução histórica, dando origem às diferentes épocas. A obra resulta da reação da faculdade-mestra de um escritor. Tal faculdade-mestra consiste na essência de ordem psicológica e na forma de espírito original que caracterizam a obra de determinado escritor. Sua explicação não se pode limitar ao estado interior, abrange outros conhecimentos, sobretudo o Sociológico", (SAMUEL, 1995, p. 153).

A teoria Determinista teve grandes evidências no Realismo e Naturalismo e foi retomada por Graciliano Ramos, no Modernismo, de maneira que vislumbramos analisar "Fabiano", objeto desta discussão teórica inscrito nesta corrente filosófica. Visto que o personagem chamou-nos a atenção por possuir características que estão ligadas as evidências dos fatores, raça, meio e momento. Para buscar as características

naturais, associamos a idéia que visualiza o personagem como um organismo biológico, que está sujeito às leis vitais de sua concepção, nascimento, vida e morte. O homem está na natureza como um ser sem condições de controlar as leis universo, logo acaba por tornar-se um ser traçado pelo destino que lhe foi dado através do “meio” e da “raça” que lhe foi deixado como herança.

Tomar o personagem através de uma visão realista é algo que nos choca, afinal a realidade se dá através de fatos, ou seja:

“As mesmas leis que regem o universo nas manifestações da matéria, comandam os fenômenos psicológicos e sociais; as circunstâncias externas determinam a natureza dos seres vivos, não podendo nem a vontade nem a razão agir independente de seu condicionamento”, (SAMUEL, 1995, p.104).

O personagem é fruto de um lugar, desta maneira suas atitudes estão ligadas à sua maneira de ver e viver a vida, que não ocorre por acaso. Ele possui heranças de um povo e de uma terra, ele é o retrato do homem em seu habitat natural, no qual ele sofre influências dos fatores externos da sua região. No caso do nosso personagem a seca é o fator de maior relevância, a qual o ajudou a embrutecê-lo na maneira de enfrentar a vida.

Graciliano Ramos constituiu seu personagem em um ambiente verossímil, de forma minuciosa ele relata as características do ambiente da seca, de modo que suprime o personagem ao meio em que ele vive, a imagem que temos é a do sertão assolado pelos problemas da seca. Segundo Samuel: “O artista exprime a realidade, a história, e a literatura é um reflexo do processo da história”, (SAMUEL, 1995, p. 22).

O homem moderno é um homem aberto às transformações, e dessa maneira ele busca constantemente transformar o mundo que o rodeia. O alto progresso da ciência vividos do século XIX para cá. Impregna-o e faz com que ele em coerência com o cientificismo ganhe a visão de mostrar a realidade como natureza material, palpável e os conhecimentos da realidade deveriam se dar através dos fatos. “A crítica literária verifica fatos internos (personagens, estruturas), interpreta-os, verifica seu grau de verdade, seu valor. E verifica fatos ‘externos’, a sociedade a história”, (SAMUEL, 1995, p. 12).

Como notamos acima é possível verificarmos fatos internos e externos, nossa finalidade é verificar como os fatores externos podem contribuir para a construção de um personagem. De maneira que é através dos fenômenos naturais, e de suas

consequências e experiências que tentaremos explicar como o personagem vive e desenvolve-se em *Vidas Secas*, onde a seca parece ser a grande personagem da obra, pois os acontecimentos são e estão estreitamente relacionados a sua ação.

TERRA SECA, HOMEM SECO

Publicado em 1938, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos é o quarto e último romance do autor, que tem como tema a problemática da seca e da opressão social. Trata-se da história de Fabiano e sua família, composta por Sinhá Vitória, o menino mais velho e o mais novo, que moram no sertão do Nordeste do Brasil. Devido a seca eles começam uma viagem marcada pela fome, pela sede e pelo sol ardente do sertão do Nordeste. A família chega a uma fazenda abandonada, ali ficam, servindo ao dono ausente, transcorre então um curto período de sossego e tranquilidade, somente com os incidentes corriqueiros do dia-a-dia. Sobrevém, porém, uma nova seca, e é esgotada todas as possibilidades da família ficar ali, e retomam a viagem de peregrinação, perseguida pela miséria, mas acompanhada por uma esperança vaga. A história acontece de forma circular, ou seja, começa com a “mudança” e termina com a “fuga”. É interessante e curioso o título que o autor dá ao primeiro capítulo, o nome “mudança” é uma ironia, pois mudança mesmo não acontece, é apenas um deslocamento, os retirantes acabam permanecendo ali mesmo no Nordeste e enfrentando os flagelos da seca.

Voltado para o drama social e geográfico o romance foi construído através de capítulos isolados, que funcionam como contos. Cada conto foi escrito em uma época, ou seja, não tiveram a mesma sequência que estão na obra, o fato é que Graciliano Ramos escreveu treze capítulos em datas diferentes, apesar da independência de cada um, todos são interligados pela mesma temática, a seca. O romance é um contínuo deslocar, de forma que o autor mostra através de cada personagem o problema do primitivismo e solidão do homem que vive separado dos homens evoluídos e convivendo com o drama social do homem do sertão.

“O romance nordestino, alimentado pelo subdesenvolvimento e miséria da região, associa muito bem a herança cultural brasileira, [...] Talvez o conjunto de romances do nordeste constitua o documento mais enfático da disparidade social do país, pois a situação geográfica e histórica da região, de uma pobreza heróica e dependente, facilmente pode gerar mais vivamente o sentimento de protesto”, (LUCAS, 1987, p. 46)

Em “Vidas Secas” Graciliano Ramos traz à mente do leitor a realidade dura, e cruel experimentada pela sociedade nordestina. “Comum a quase todos os escritores

brasileiros do Realismo é o intuito de descrever, por um método objetivo, quase científico, a luta inglória do indivíduo contra as forças da natureza, do instinto e do meio ambiente degradante”, (ONÓFRIO, 1997, p. 389).

Salvatore D'Onófrío classifica os romances de Graciliano Ramos como pertencentes ao realismo crítico, visto que ele preocupava-se sempre com a “denúncia das estruturas sociais opressivas e da miséria do homem do campo e considerava a literatura uma arma para lutar contra a angústia existencial causada pelo meio físico e hostil e pelo sistema social injusto e competitivo, que afastava dos bens de consumo a grande massa do povo”,(ONÓFRIO, 1997, p. 435).

No primeiro capítulo o autor recria o ambiente do sertão, e situa os personagens que lá vivem. Dessa forma, Graciliano Ramos mostra o meio físico, hostil e injusto do qual nos fala Salvatore D'Onofrio, e é através da literatura que ele consegue criar um sentimento de inquietação naqueles que se deparam com a obra.

Paisagem e homem se misturam, a terra prende Fabiano à ela, mesmo com tão pouco a lhe oferecer, ele torna-se passivo sem forças para lutar contra a natureza. Ele perde a autonomia pois depende dos fatores climáticos, com isso cada vez mais cresce sua descrença, seu medo, toda vida fora assim, se a chuva não chegasse era necessário ir embora.

Após conhecer a obra, um personagem chamou-me a atenção, “Fabiano”. A escolha deste entre tantos os outros temas trabalhados na obra, se deu em função deste personagem possuir características próximas do meio em que convivi e conheço, pois apesar de viver hoje no meio urbano, nasci e cresci na zona rural, lugar onde meus pais moram até hoje. Entre as principais características de Fabiano está o fato do mesmo ser um sertanejo, pessoa que vive do trabalho artesanal de lavrar a terra e cuidar das criações para que não falte o pão de cada dia.

Através da figura de Fabiano me foi possível associá-lo com alguns rostos que conheci e até mesmo com o de meu pai, Fabiano fez-me lembrar do meu pai no tempo que fui criança e convivi com a sua dura luta em busca da sobrevivência da nossa família. Mas, além de ser um sertanejo Fabiano tem outras características que considero de relevância: é um homem que se dá bem com a ignorância¹. sua imaginação é fraca², não tem esperança de mudanças³, não tinha estudo⁴.

1 RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 84ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2002, p.21

2 Ibidem, p.28

3 Ibidem, p.36

4 Ibidem, p.36

Para entender então, de que maneira foi possível a construção de um personagem como Fabiano é que necessitei buscar indícios na obra, dessa forma me foi possível encontrar pistas e fatos que contribuíram para ele ter estas características supracitadas, que fazem parte da sua constituição.

O personagem de uma obra de ficção é traçado pelo escritor; os fatos são organizados no enredo de forma que seus significados e valores o constroem. “O personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivo”, (CANDIDO, 2000, p. 54)

Em razão disto, é possível pensar no personagem como alguém que realmente exista, que tem determinadas características ou gostos. Segundo Cândido (2000), “O escritor usa da verossimilhança para criar o sentimento de verdade”, (p.55). Mesmo assim, esbarrei em um outro problema também levantado por Cândido, que é o conhecimento total do personagem, ele afirma que “Não somos capazes de abranger a personalidade com a mesma unidade que somos capazes de abranger a sua configuração externa”, (CANDIDO, 2000, p. 56).

Para Cândido a personalidade está ligada à “natureza oculta”, e seu domínio é infinito, visto que as características da personalidade está ligada ao mundo psicológico. Já a configuração externa é algo que está ligado ao corpo, à superfície. Os fatores externos contribuem para o conhecimento do personagem, dados como, lugar onde vive, como ele vive, com quem ele vive, são importantes para uma avaliação do mesmo.

Buscarei então conhecer a configuração externa de Fabiano, tomando por base a Teoria Determinista, de Taine que afirma que só é possível conhecer um ser e avaliar sua personalidade, se buscar o “meio” onde ele vive (geografia), a “raça” da qual é a sua procedência (biologia) e o “momento” em que os fatos estão acontecendo (história).

Logo se Cândido nos afirma que a configuração externa é algo do qual nos é possível ter domínio finito e se os fatores externos influenciam no personagem, tornará mais fácil buscar o que almejo neste trabalho.

Fabiano e sua família não contavam com nenhum tipo de estrutura social, estavam marginalizados vivendo em condições precárias, rodeado pela seca e pela miséria, não tinham o que comer e nem onde morar, tanto é que são obrigados a comer o papagaio de estimação para não morrerem de fome. O meio físico no qual viviam, não era favorecido pelas chuvas, sem contar que Fabiano não possuía terras para plantar.

O meio físico na obra “Vidas Secas” é mostrado através de uma realidade fotográfica.

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala”, (RAMOS, 2002, p. 09).

Neste trecho é possível visualizar uma imagem nítida da paisagem do Nordeste. Graciliano Ramos no capítulo “mudança” faz uma descrição do meio físico no qual ocorre a história de Fabiano e sua família. Dessa forma, é possível visualizar o homem em seu meio natural. O autor além de mostrar a planície avermelhada, descreve em outra passagem da obra o “vão negro dos urubus”, que acompanhavam os animais que poderiam morrer a qualquer momento, em detrimento da vida castigada pela seca, no “vão negro dos urubus” percebi que o autor dá ênfase ao “negro” dos urubus em contraste com o negro da situação do nordeste e seus nordestinos. Ainda que a citação carregue um exagero mostra a realidade com simplicidade.

Ainda falando da seca, o autor mostra a imagem da seca através do leito do rio que estava seco. Quando a família de Fabiano chega à fazenda, o curral estava deserto, pois os animais haviam morrido, as folhas estavam secas ou murchas e haviam ossadas espalhadas pelo quintal, tudo num total abandono gerado pela seca. Fabiano através do narrador sofre com a impossibilidade de chuva, tanto é que ao observar a natureza ele depara-se somente com o azul do céu, que soa como respostas da impossibilidade da chuva, o que causa no seu mundo interior um terrível desespero.

O personagem Fabiano está para a seca, assim como a seca está para ele. Fabiano é o retrato do homem nordestino, ele nasceu e criou-se no sertão tórrido, assim como seu pai, seu avô e os demais antepassados.

Durante o romance Fabiano tem sua trajetória marcada em lutar pela sobrevivência e pela fuga em busca de um lugar onde não haja seca. Mesmo em busca de uma nova terra as características de Fabiano são de um homem sem esperanças, que não sabe porque sofre e luta tanto, ele havia tornado-se uma pessoa rude, grosseira, sem instrução.

“Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca parecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde”, (RAMOS, 2002, p.10).

Neste trecho da obra o narrador mostra um pouco das características de Fabiano: “tinha o coração grosso” e “precisava chegar, mas não sabia onde”. O narrador fala de um homem de “espírito atribulado”, afinal fugia sem saber para onde ir, de forma que também não sabia onde precisava chegar. Ao verificarmos o trecho acima citado vemos que ele era um ser que queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. Mais quem? Se a seca lhe parecia como um fato necessário. Será que a seca era um fato necessário mesmo? Se atentarmos para a teoria Determinista é possível encontrar o fator “meio” exercendo sua função no personagem. Fabiano tinha cristalizado que poderia sobreviver à seca e suas conseqüências, isto já fazia parte de seus estímulos naturais. Era um nordestino, e como tal contava com forças que o próprio meio lhe dava.

A organização social e a relação do homem com a natureza no sertão do Nordeste possuem a falta de estrutura social, de modo que o homem, assim como o personagem em estudo, acaba por adaptar-se com ela, e com o seu clima. É neste sentido que o personagem é constituído a partir da coerência interna com a existência de um modelo real, a do próprio homem nordestino, que nada mais é do que a utilização necessária e indispensável da verossimilhança.

Fabiano é fruto deste ciclo que não consegue escapar, o autor mostra no trecho a seguir o que acontecia com o sertanejo:

“Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário”, (RAMOS, 2002, p.17).

É possível notar aqui, que os gestos de Fabiano repete aos de seus antepassados, assim como seus filhos já começam a reproduzir o mesmo gesto, o narrador fala em hereditariedade, que acontece através dos caracteres transmitidos de uma geração para outra geração. Este fator está relacionado com a gênese, ou características biológicas. Os gestos hereditários estão presentes na estatura, no peso, na cor da pele e cabelo, e na composição física dos músculos, que garantem a resistência física de cada indivíduo, logo se o filho recebe dos pais as mesmas características que eles possuem, este será um perpetuador da sua raça. Fabiano havia herdado de seus pais, que haviam herdado de seus avós e estes dos seus antepassados mais antigos, isto significa que as características que lhe permitiam exercer a carreira de vaqueiro veio seguindo uma geração, e ele também já havia passado para seus filhos as mesmas características, devido à elas, seus

filhos já reproduzem os mesmos gestos do pai, isto ocorre naturalmente, não é preciso nenhum tipo de adestramento, pois o meio em que eles vivem encarrega-se de concluir a tarefa iniciada pelo fator raça.

Outro fator interessante na construção do personagem Fabiano se deve a má alimentação, e dos sofrimentos ocasionados por ela, mesmo assim já estão resistentes as dificuldades como calor, sede e fome, tanto que “Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia”, (RAMOS, 2002, p. 27). Esta citação deixa explícito que Fabiano estava sempre pronto para obedecer, de forma que tornava-se instrumento de trabalho, que quase nunca sonhava, ou esperava melhoras. Essa atitude de Fabiano é determinada pela sua história e conseqüentemente a de seus antepassados. Assim, pode-se perceber que a história de Fabiano se confunde com a de seus antepassados, bem como a história de seus irmãos nordestinos.

Ao atentar para o penúltimo fragmento da obra, percebe-se que eles “haviã-m-se acostumado a percorrer veredas”, o vaqueiro havia aprendido a ser vaqueiro porque acostumava-se com o meio em que vivia, ou seja, filho de vaqueiro será um vaqueiro, pode-se visualizar isto na obra, quando narrador fala “esses movimentos eram inúteis”, não adiantava Fabiano tentar fugir da sina que lhe estava proposta.

Ao aproximar mais do objeto é possível dizer que o pessimismo do personagem se dê em função do meio geográfico e climático, pois o meio como afirma Pires é o “Componente geofísico, climático ou sócio-político que podem deformar, completar ou rejeitar o elemento natural que lhe está submetido. Trata-se de uma força externa”, (PIRES, 1995, p. 25).

Fabiano estava condicionado a um lugar, não conseguiria nunca escapar daquilo, desconhecia outras formas de viver, não tinha contato com o meio urbano e com a tecnologia, sua vida era a do primitivismo. Isto tudo contribuía para ele ter medo de sonhar, de conhecer, de aprender, achava sempre que: “a desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar” (p.23), de forma que “via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo. (p.22), ou ainda “Era um bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se.(p.36), e entendia que “Cada qual como Deus fez. Ele, Fabiano era aquilo mesmo um bruto” (p.36).

Estes fragmentos da obra mostram como Fabiano pensava e agia, na sua cabeça a desgraça estava sempre por perto, não tinha como escapar, um pensamento extremamente positivista, que vê as coisas sem possibilidade de mudanças, ou seja ,

nega o livre arbítrio e tudo o que acontece está condicionado aos fatores externos. Ele pensava até em parar de trabalhar, o que impedia-o era a “luta” pela vida, esta luta não era pensando em acumular riquezas, ela acontecia simplesmente como resposta aos estímulos naturais, ou as chamadas leis biológicas. No discurso de Fabiano percebe-se o lugar da acomodação daqueles que vivem à margem do desenvolvimento social, reação ligada diretamente à ideologia positivista. A atitude do personagem se dá dessa forma por talvez não conhecer a existência de um outro mundo que não fosse aquele em que tomava como único.

Achava ainda que o conhecimento intelectual, era para as pessoas da cidade, as que possuíam bens. Ele havia nascido para ser um bruto, tinha o vocabulário curto e não sabia explicar-se e achava que cada um deveria ser como Deus o fez. Fabiano achava que o conhecimento intelectual não tinha valor perante a seca do sertão, quando ela chegasse, não teria rico nem pobre, ela seria para todos. “Quando a seca chegar, seu Tomás se estrepa, iguazinho aos outros”, (p.22). Fabiano mostra-se pessimista porque mesmo admirando o jeito de ser e de viver de seu Tomás, não tinha coragem para lutar, tinha medo do que poderia acontecer quando a seca viesse.

Ele não vivia num meio que lhe permitia ser diferente, já havia internalizado uma coisa, “isto não é para mim”, “eu não posso isso” ou “eu não posso aquilo”. Fabiano não era assim por gosto próprio e sim porque os fatores deterministas contribuíam para seu estado. Sem estudo, sem contato com a civilização e as tecnologias, ele é o homem em seu estado primitivo e natural. Dessa forma, podemos verificar que a causa de seu desânimo se dê em função daquilo que lhe ocorria, o meio no qual ele nasceu e cresceu contribuiu para isto. Os problemas ocasionados pela seca, como: falta de uma boa alimentação, sede e a maneira rústica de viver, contribuem para a existência de homens desanimados, sem sonhos e de inteligência desfavorecida, como é o caso do personagem Fabiano.

“O meio natural condiciona, como já vimos o desenvolvimento da inteligência, como pode influir no crescimento físico, no bom funcionamento da vida. É o terreno favorável ou desfavorável à existência humana, propício ou não ao progresso mental como à evolução biológica. São as condições climatológicas, topográficas vantajosas ou prejudiciais ao completo florescimento da vida humana e portanto, às faculdades superiores do homem”, (PIRES, 1995, p.67).

A força externa da qual nos fala Pires, não permite que Fabiano pratique qualquer tipo de ação indicadora do sentimento de revolta não há estímulo interno que impulse rebelião, sua reação é apenas um sonho que nunca chegará a concretização. As condições sub-humanas em que ele vive jamais permitiria que seus sonhos se realizassem.

“O meio ambiente influencia as reações e relações humanas. Dele surgirão os conflitos pois o homem tem necessidade de realização, de comunicação, de relacionamento humano. Uma luta árdua, interminável, sem as mínimas condições e oportunidades em seu meio ambiente causa frustrações. Causa um conflito interior de sentimentos-derrota”, (LEÃO, 1965, p. 59).

Deste modo para compreender as ações humanas dos indivíduos é necessário situa-los em seu meio, de onde dependerá todo o seu comportamento, pois estes influenciaram nas reações e nas relações, e pode causar frustrações, como é o caso de Fabiano.

Outro fator que não aparece explicitamente na obra, mas que também faz parte da construção do personagem é a história, os fenômenos naturais ocorrem independente da vontade dos homens. A história da seca do sertão nordestino tem sido registrado desde o início de nossa colonização. A verdade é que o problema da seca vai muito além dos fenômenos naturais, as condições econômicas e políticas é que determinam a intensidade do flagelo provocado pela natureza.

Quando Graciliano Ramos produziu a obra “Vidas Secas” em 1938, o sertão sofria com o assolamento da seca e com as condições sócio-econômicas, as terras eram concentradas nas mãos de coronéis, e os menos favorecidos não possuíam terra, nem esperança, de maneira que a figura de Fabiano confunde-se com a de muitos outros nordestinos, que não tinham lugar fixo para viver, e quando a seca chegava era necessário fugir para não morrer de fome e sede.

A história de Fabiano se repete a história de seus antepassados, o que significa que na seca era uma fenômeno que já havia ocorrido outras vezes.

O homem do Nordeste aparece quase sempre como um ser explorado. No mundo de hoje onde a tecnologia cada vez mais impera, o sertanejo continua um ser resignado à sua sorte, às condições geográfica e climáticas e aos problemas insolúveis no sertão Nordeste. Não há liberdade, a cruel penúria, mostra a fome e sede daqueles que

acostumaram-se com o seu cotidiano, de forma que não existe possibilidade de mudança.

O sentido do romance é a mensagem social, e procura abordar o problema do Nordeste brasileiro, do povo que sofre agoniado. O homem está agarrado à paisagem que o cerca assim como a paisagem mistura-se nas sua vida interior, de maneira que a paisagem externa é interiorizada, estão desamparados sem condições e oportunidades de sobrevivência, é necessário buscar a conciliação e lutar com as dificuldades encontradas no seu meio ambiente. Não é fácil lutar contra fatores climáticos, fatores que persistem ao tempo, não é fácil sobreviver tendo sobre si uma ameaça constante como o sol, mas não é só isto, Fabiano está na classe dos miseráveis. Digo miseráveis, pois Fabiano não contava com qualquer amparo social, tanto que a obra o expõe como um animal, que responde apenas às necessidades básicas a qualquer ser vivente. Na obra ação da seca é mais importante do que as ações dos personagens, tendo em vista que as ações de Fabiano no enredo se dá em decorrência as ações da seca.

A figura de Fabiano não é apenas a de um personagem nordestino, ele é a figura de todo homem do sertão que precisa lutar para viver e para se libertar da escravidão do medo, da fome e da sede, a terra seca lhe produz traços físicos, leva-o a uma luta interminável com o meio e com os conflitos que surgem no seu interior. As descrições e os sentimentos do autor em relação as dores e alegrias dos sertanejos possuem tanto peso que os sentimentos que suscitam nas testemunhas (leitores), soam como advertência, é preciso pensar na escravidão que vive o homem. O carrasco na obra não é só a estiagem, mas o monopólio e a ignorância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar um personagem da ficção é algo interessante, pois só dessa forma é possível conhecê-lo muito além do que ele é aparentemente .

Durante a trajetória de análise do personagem Fabiano da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos deparei com um representante muito comum no Brasil, ele é o retrato daqueles que sofrem com as mazelas da atual situação do país, ele confunde-se com as muitas pessoas da vida real.

Iniciei este trabalho com um estudo da situação histórica do Brasil, o que me rendeu observações pertinentes a atual situação de nosso país, que sofre com a desigualdade social. Assim, ocasionando um desequilíbrio na distribuição de renda muito relevante, e que é o maior contribuidor para as situações de calamidade, como é o caso do personagem em estudo.

Em busca de conhecer Fabiano no seu contexto histórico e social, passei a ter uma visão realista do objeto, o que conseqüentemente me filiou ao Determinismo de Hippolyto Adolfe Taine, que observa o objeto em estudo a partir de uma realidade externa.

Fabiano vive a seca e seus efeitos avassaladores, o ambiente no qual ele vive é chocante, o narrador não poupa o leitor ao contar o sofrimento daqueles que o próprio ambiente criou. O personagem da obra que é destaque para mim, é sem dúvida Fabiano, porque pude notar nele algumas características que considero especiais.

Durante a análise pude verificar o porquê, que Fabiano é um “ser” que sofre tanto e não se revolta, com base nos pressupostos deterministas entendi que o meio é responsável em acomodar e modelar a maioria dos seres que nele vive, suas forças são invisíveis, mas de grande importância no resultado do produto, o meio é capaz de fazer que um ser vivo encontre características, nunca visto antes em uma raça. Conseqüentemente, ela encontra uma maneira nova ou quantas forem necessárias para a adaptação.

Verificar um objeto a partir da Teoria Determinista em muitos momentos nos choca, talvez pelo seu grau de realismo, que faz do leitor um compartilhador da situação. E este é um interessante, porque faz surgir no leitor questionamentos além daqueles que ele já possui.

Ao estudar Fabiano, entendi que talvez o objetivo de Graciliano Ramos ao criar este personagem, não foi apenas descrever a seca nordestina e sim fazer surgir nos leitores uma inquietação, e foi o que aconteceu comigo. Pois Fabiano nos dá a idéia de como é sacrificada a vida daqueles que moram no sertão, é uma vida sem nada, com fome, dependendo sempre da fuga para sobreviver.

Após conhecer um pouco mais dos problemas ocasionados pela seca, percebi que eles vão muito além do fator climático, ele é social, e depende muito da ajuda daqueles que estão no poder.

Este trabalho contribuiu muito para o alargamento de minha visão em relação a seca do nordeste e os problemas ocasionados por ela, espero ainda que este trabalho possa contribuir para instigar outros pesquisadores a buscarem o mesmo entendimento que tive, o de pensar na seca como um fator social, que pode ser vencido. E que esta discussão possa ser um incômodo constante, e que deste incômodo surja outras discussões acerca da obra, pois ela possui em leque de possibilidades de estudo tão interessantes quanto o objeto desta análise.

BIBLIOGRAFIA

- BRAIT, Beth. *A Personagem*. Série Princípios. 6ª ed. São Paulo Ática, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.
- _____. *A personagem do romance*. In: *A personagem de ficção*. Coleção Debates. 10ª ed. Perspectiva. São Paulo, 2000.
- _____. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura (São Paulo), v.24, n.9, p. 803-9, set.1972.
- FILHO, Domicio Proença. *Estilos de época na literatura*. 15ª ed. São Paulo. Ática, 1995.
- LEÃO, Carneiro A. . *Fatores genéticos e meio cultural*. In: *Fundamentos de Sociologia*. 3ed. São Paulo, Melhoramentos, 1965.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2ª ed. São Paulo. Ática, 1987
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 84ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2002.
- ONÓFRIO, Salvatore D'. *Literatura ocidental*. 2ª ed. São Paulo. Ática, 1997
- PIRES, Orlando. *Manual de teoria Literária*. São Paulo, Ática, 1987.
- SAMUEL, Rogel. *Manuel de teoria Literária*. 14ª ed. Petrópolis. Vozes, 2001.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 7ª ed. São Paulo. Ática, 1990.
- SCHULER, Donaldo. *A teoria do romance*. 1ª ed. São Paulo. Ática, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.

TODIÉ, Jean Yves. *A crítica literária no século XX*. Tradução de Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. 1992.